

3-20125  
FONTES, H. R.; WANDERLEY, M. Novos cenários para a cultura do coqueiro gigante no Brasil. Linperm, Aracaju, a. 28, ed. 1400, p. 9, 8-14 fev. 2010. Municípios.

## ARTIGO

# Novos Cenários para a cultura do coqueiro gigante no Brasil

Humberto Rollemberg e  
Múcio Wanderley [\*]

■ A área de plantio com a cultura do coqueiro no mundo ocupa, aproximadamente, dez milhões de hectares, onde predominam os pequenos produtores. A maior parte da produção é destinada à obtenção de óleo a partir da copra - albúmen desidratado a 6% de umidade -, que é um produto com altos teores em ácido láurico, rico em ácidos graxos de cadeias curtas fortemente saturadas, largamente empregado na indústria alimentícia em mistura com outros óleos vegetais, utilizado também na produção de margarinas.

No Brasil, a produção do coco seco é originária, principalmente, de coqueiros da variedade Gigante, cultivados sem emprego da irrigação, cuja área plantada se concentra na faixa litorânea do Nordeste, ocupando as ecorregiões dos tabuleiros costeiros e baixada litorânea. Nesses ecossistemas, predominam solos de baixa fertilida-

de com reduzida capacidade de retenção de água. Os sistemas de produção utilizados são predominantemente pouco intensivos em tecnologia, cujas colheitas são realizadas a cada três meses, quando os frutos apresentam em torno de 12 meses de idade.

Esses frutos são utilizados como matéria-prima para a indústria de alimentos, na produção de coco ralado e seus derivados, ou mesmo consumido in natura uma vez que se constituem em um ingrediente bastante utilizado na culinária regional. Considerando-se o ciclo da cultura do coqueiro, que apresenta produção contínua durante todo o ano, as colheitas são realizadas trimestralmente, muitas vezes constituindo-se em única fonte de receita do produtor. De maneira geral, os frutos são comercializados na propriedade, com forte ação de intermediários, responsáveis em grande parte pela baixa remuneração obtida.

Esse novo cenário trará implicitamente a queda dos pre-

ços do coco seco, uma vez que para as empresas processadoras é mais vantajoso importar o coco ralado e com ele elaborar os seus diversos produtos do que adquirir o coco seco no mercado local. Não obstante essa perspectiva desfavorável à cultura do coqueiro no médio prazo (entre um e dois anos), não se pode esquecer que ela apresenta potencialidades que a diferenciam de outras culturas, onde se destacam a maior capacidade de adaptação a solos de baixa fertilidade predominantes nas áreas de produção do Nordeste e grande potencial para produção de óleo para utilização na indústria de alimentos, ou mesmo para consumo do óleo extra virgem.

Em função da complexidade de problemas que afligem esta cultura, e considerando-se a sua grande importância socioeconômica para a região produtora do Nordeste, torna-se necessário aumentar os investimentos em pesquisa, e implementar medidas de estímulo ao pequeno produtor para investir em

seus plantios. Esse estímulo poderia ocorrer por meio da adoção de programas de Governo voltados para a revitalização da cultura do coqueiro, com linhas de crédito específicas e assistência técnica adequada ao produtor.

Para dar suporte a um programa de revitalização da cultura do coqueiro no Brasil, a Embrapa Tabuleiros Costeiros, localizada em Aracaju-SE, deu início a partir do corrente ano, a um projeto para subsidiar as ações de recuperação dos atuais plantios, através de um programa de transferência de tecnologias, que prevê o treinamento de técnicos e produtores, como também da avaliação e introdução de melhorias dos atuais sistemas de produção utilizados na cultura do coqueiro. ■

[\*] Humberto Rollemberg é especialista em Fitotecnia e pesquisador da Embrapa Tabuleiros Costeiros.

[\*] Múcio Wanderley é pesquisador do Instituto Agrônomo de Pernambuco - IPA.